

“País precisa recompor divisas”

por Ângela Bittencourt
de São Paulo

O Brasil deve procurar recompor rapidamente o nível de suas reservas internacionais para aumentar seu poder de barganha junto aos credores externos. José Sampaio Filho, diretor da Área Internacional e Comércio Exterior do Banco do Estado de São Paulo (Banespa), considera que o País vinha atravessando uma situação confortável para negociar sua dívida externa com os bancos internacionais enquanto apresentava um superávit comercial de US\$ 12 bilhões e volume elevado de reservas. “Com superávit caindo e reservas declinando, o poder de negociação também diminui, sobretudo se tivermos de falar em dinheiro novo.”

O diretor do Banespa não considera imprescindível que o governo brasileiro obtenha o aval do Fundo Monetário Internacional (FMI) para dar partida às negociações com os bancos. Segundo ele, os credores internacionais estão acostumados a conversar com os devedores sem a participação do Fundo.

Na sua opinião, vários fatores pesam a favor do Brasil na mesa de negociação, mesmo com a queda no superávit comercial e na posição das reservas: estabilidade política comparada com outros devedores; diversificada pauta de exportação, que permite que uma dificuldade na negociação de um produto seja compensada por outro, o que o destaca em relação a outros países que concentram até 80% de suas exportações em um único item; e, ainda, diversificação de mercados. Atualmente, o Brasil exporta para os Estados Unidos apenas 25%, aproximadamente, dos produtos.

Esta diversificação de mercados, segundo Sampaio Filho, reflete, também, uma outra vantagem do Brasil frente aos demais credores latinos, que é a política americana de enfraquecimento do dólar no câmbio internacional.

TAXAS DE JUROS

As condições favoráveis, contudo, não são perenes, mas circunstanciais. O diretor da Área Internacional do Banespa não é otimista, por exemplo, com relação à estabilidade das taxas de juros. “Os Estados Unidos precisam incentivar o investimento interno e, quando este incentivo é de caráter financeiro, as taxas de juros são utilizadas como atrativo.

Os juros, portanto, podem sofrer pressão por esta via, prejudicando os países devedores. Além disso, diz Sampaio Filho, o mercado internacional de crédito tende a sofrer maior concorrência — o que pode afetar a liquidez e também aumentar o custo do dinheiro — caso países como o México recorram ao mercado em busca de dinheiro novo. Também a tendência dos países-membros da Organização dos Paises Exportadores de Petróleo (OPEP) de buscar dinheiro nas praças internacionais contribui

Para o diretor do Banespa é imperativo que o Bra-

sil mantenha as reservas internacionais em bom nível, de forma a melhorar a negociação com os credores. O caminho mais evidente para a maximização das reservas, segundo ele, é a melhora no abastecimento interno, dispensan-

do reduzir a liquidez. Vários fatores, portanto, concorrem para o encarecimento do dinheiro. Sampaio Filho ressalta, contudo, que existe hoje uma clara consciência dos países mais desenvolvidos de que um agravamento na taxa

de juros é prejudicial para os devedores. As importações periódicas de produtos que normalmente não constam da pauta de importações do País. As importações, no seu entender, deveriam ser concentradas na aquisição de produtos indispensáveis para a manutenção do crescimento, como máquinas e equipamentos.

CÂMBIO

A decisão do governo de tornar o ajuste de câmbio mais flexível é positiva, de acordo com Sampaio Filho. Ele pondera que o ajuste frequente da moeda afasta a expectativa da desvalorização cambial em maior escala. Esta expectativa, segundo o diretor do Banespa, tende a inibir o mercado e travar os negócios. “É claro que os efeitos dessa nova política não podem ser sentidos imediatamente, mas são favoráveis. Quando os exportadores têm segurança de que seu negócio estará sendo ajustado, as operações fluem rapidamente.”